

Milton Dacosta

Textos de
Luiz Antonio Seráfico de Assis Carvalho,
Antonio Bento, Jacob Klintowitz,
Olívio Tavares de Araujo,
Olney Krüse, Jayme Maurício e
Cesar Luís Pires de Mello

Museu de Arte Moderna de São Paulo

Instituto de arte contemporânea

Origem Cultural

WILIZI

Instituto de arte

Nada direi, propriamente, sobre Milton Dacosta, pintor maior. Nossa crítica por alguns de seus melhores, o faz nas páginas seguintes deste livro. Não me deixaria, porém, ficar sem tocar no assunto, ainda, que em caráter paralelo. E se me calo sobre o autor é por respeito a ele e à profissionalidade de quem escreve sobre a obra. A experiência no convívio da cultura, me exige ao menos um testemunho. Nada definitivo. Feito para discussão. Gostaria se, também, para a reflexão. De início repito Walter Benjamin, citado por Marilena Chauí: "Não há um único documento de cultura, que não seja, também, um documento de barbárie. E a mesma barbárie que o afeta, também, afeta o processo de sua transmissão de mão em mão".

Está implícita nessa frase, a possibilidade de uma *cultura do povo*, em contraste com o *autoritarismo das elites*.

Elite significaria *segregação* e afirmação de um *padrão cultural único!*

Se admitirmos, em sentido *não marxista*, que a

ideologia é uma representação do real, com uma composição de normas sobre o social, entendida como o coletivo, é de admitir, sem poder aprofundar, que exista uma ideologia ou diversas ideologias do povo.

Arte, seria nesse sentido uma representação do popular no sentido genérico, do nacional, do universal, ou do regional, do partidário, como expressão verdadeira de segmento, engajado ou não.

E o que é a *elite* numa sociedade multiforme como a nossa: o poder do dinheiro, ou de se manter com o aparato social estatal? Mas qual a *afirmação unificadora* dessa *elite*?

Recordo-me de que na minha infância, havia entre nós, uma confeitaria Elite em que se ingressava com duas condições: dinheiro e uma certa capacidade de manter a polidez exterior.

No sentido asiático ou teológico (vide Auguste Comte), do termo parece que ela existiu em outras sociedades. Mas, nunca entre nós!

Na sociedade pluriforme e sujeita às nossas contradições, a única coisa mesmo, a *unificar* a *elite*, seria *declarar-se elite*. Isto, se se tem em vista, o fato de que, os homens que se poderiam chamar *elite*, se ligaram ao povo. Digo tudo isto, no sentido de que Beethoven é *cultura popular* Picasso, também.

De onde, entendo, que entre nós, a expressão *elite* é uma mistificação. O que existe no grupo dominante, indevidamente identificado, como *elite*, é o estímulo à *arte oficial*. Esta, nada pode, nem quer dizer. É, apenas, asfixia, esclerose, desonestidade, aplaudida por conveniência. Cria pseudo-arte e literatura de algodão. Parece próprio colocar estes conceitos em discussão, quando, apresentamos um verdadeiro artista. O verdadeiro artista traduz consciente ou inconscientemente uma cosmovisão, *tanto mais aberta, quanto verdadeira*.

As pessoas que, indevidamente, aqui se dizem de elite confundem o espontâneo e o popular, com o

vulgar. Suspeita de vulgar é apenas a *arte oficial*, de que possuímos alguns exemplos, em nosso século. A impulsão criadora, nasce da *cultura popular*, rebuscada ou não.

É preciso dizer isto, quando me cansei de ver pessoas troçarem olhares de compreensão, como se pertencessem a *alguma elite*.

A pseudo-elite traz consigo uma categoria traidora: para existir precisaria se autonegar, se dismantelar. Pois vivendo de preconceito, que é a opinião não raciocinada, deveria voltar à única fonte de cultura: a *arte popular*. Acho que, Machado de Assis repetiu, que arte é tanto mais arte, quanto mais universal.

E daí vem Dacosta trabalhado por toda uma equipe, de que foi regente Cesar Luis Pires de Mello. Sempre presente à ação. Ele, Cesar Luis que tem um recado a dar, um recado a esse artista, popular, como Miró, Degas, Brancuși, Brecheret.

Luiz Antonio Seráphico de Assis Carvalho

arte contemporânea

"Além de ter conseguido, pela primeira vez, que seus trabalhos fossem aceitos em 1936 no Salão Nacional, tornou-se este ainda um ano propício para a carreira artística de Milton Dacosta. Seria então realizada sua exposição de estréia na 'Galeria Santo Antônio', situada à rua da Quitanda.

"Nessa época, embora eu ainda não tivesse a minha coluna de artes plásticas do Diário Carioca (onde havia começado a trabalhar em 1934), já fazia crônicas sobre concertos, bem como sobre pintores e exposições. Foi assim que escrevi uma reportagem sobre a estréia de Dacosta, que eu tinha conhecido pessoalmente, antes de 1935. Ele não completara ainda 20 anos de idade e era um estreante.

"Posso assim dizer, sem qualquer exagero, que conheço a sua arte e venho-me interessando por ela desde a juventude do pintor. Tenho conseqüentemente uma visão do conjunto de sua obra, a partir das primeiras incursões do artista no campo desta arte fascinante que é a pintura.

"Mantive algumas rápidas conversas com Dacosta, em encontros na rua e vi, por sua vez, pequenos quadros seus. Uns eram feitos, atendendo a encomendas, em tampas de caixas de charutos, suporte de cedro, muito usadas por Castagneto e depois por outros pintores brasileiros. Permitiam que nelas fossem pintadas pequenas marinhas ou miniquadros sobre motivos diversos. Outras vezes deparei-me com o pintor em companhia de Bustamante Sá, seu colega do Núcleo Bernardelli, sempre nas imediações da Casa Cavalier ou perto da 'Galeria Santo Antônio'. Aliás, ambos fizeram lá, conjuntamente, em 1937, outra exposição. A nota que publiquei sobre a mostra inicial de Dacosta estava ilustrada com um desenho da Igreja de São Francisco de Ouro Preto. O expositor tinha visitado pouco antes esta cidade mineira.

"A sua pintura era então de tendência pós-impressionista. Alguns quadros caracterizavam-se pelas pequenas pinceladas de toques rápidos, na base de efeitos luminosos. Isto acontecia nos trabalhos mais antigos. Representavam ruas, praças e cenas de cafés.

"Falando-me recentemente sobre essas obras de Dacosta, Campofiorito referiu-se à espontaneidade de suas pinceladas, nessa fase de sua pintura. Alguns de seus quadros, sobretudo os ambientes de bares e cafés, lembraram a esse crítico e pintor o cromatismo saboroso das telas de Manet, cuja posição vanguardista serviu de inspiração para os seus amigos impressionistas.

"Mas já existiam igualmente, nessa amostragem inicial, em diversos trabalhos, preocupações formais de outra natureza, como o denotava o próprio desenho daquele templo da antiga Vila Rica, com suas graciosas variações típicas da fase rococó do mestre Aleijadinho, herói do barroco brasileiro, em nossa época colonial. Dacosta tinha-se inclinado pouco antes para uma espécie de construtivismo cezanniano, a fim de tornar mais sólidas as suas formas. Pelo que

igualmente me lembro da exposição e das conversas iniciais mantidas com o pintor, sua arte procurava um caminho pessoal. O fato é que ele se debatia entre tendências diversas. Mas ficou-me dessa mostra a impressão de estar diante de um artista moço e inquieto, que procurava encontrar, entre tateios, acertos e desacertos (como é tão comum em sua idade), os meios de expressão mais apropriados à realização de seus futuros trabalhos. Guardo ainda, desses dias já distantes, a lembrança de um pintor que, embora jovem, levava muito a sério o seu ofício.

"A própria musicalidade profunda que se observa na obra do pintor emana ou resulta principalmente de suas linhas e da harmonia formal com que são compostos os seus quadros e não apenas dos acordes de cores, embora estes sejam sempre acordes perfeitos.

"A verdade é que Dacosta pode ser hoje considerado como o pintor de mais rigorosa morfologia de nossa arte de tendência internacional, nas diversas fases de sua obra."

Antonio Bento

A década de 40 é decisiva para o pintor Milton Dacosta. É quando o artista elabora os seus trabalhos de carácter metafísico. Ele usa como elementos de pintura manequins e objetos, garrafas e figuras geométricas, numa clara referência ao movimento metafísico europeu. Milton Dacosta tenta descobrir o seu destino de pintor e a sua proposta humana e este caminho de auto-reconhecimento e experimentação passa pelas figuras de De Chirico e pela atmosfera de Morandi. Dacosta descobre-se um cultor da sutileza, um amigo do símbolo, um amante das mensagens delicadas e intuitivas. Em outro contexto, com outras figuras, estas serão características que ele nunca abandonará. Da mesma maneira, a sua clara opção por uma imagética de carácter universal, onde os valores culturais serão aqueles capazes de sensibilizar universalmente o ser humano. Foi a experimentação destes sinais de um destino artístico que marcará Milton Dacosta e o seu futuro percurso: a sutileza, o símbolo, a intuição, a

delicadeza, a universalidade.

Após este trabalho, Milton Dacosta começa a sua série de meninas. Aqui o artista procurará o movimento, a linha sensual, o cromatismo elaborado, o jogo de claro-escuro. Milton Dacosta abandona a sua meditação transcendental e mergulha no contingente, no cotidiano, na figura humana, no lúdico. São cenas e formas de estar, meninas coloridas, movimento esvoaçante, ideia de mutação, mudança, alegria e vida. No início, a grave percepção do Tempo e do Ser. Depois, o passageiro, o movimento em torno e ao redor da vida. Tempo e Transcendência para Espaço e Contingência. Mas são exatamente estas duas fases que ocorrem nesta década de 40 e que penetram pelos anos 50 que determinam o posterior trabalho e a reconhecida qualidade de Dacosta.

A união destes dois elementos, a transformação destes elementos sensoriais e simbólicos numa única imagem vão tornar o trabalho de Milton Dacosta um exemplo raro na nossa arte: o exemplo de um artista, empolgando permanentemente um público fiel e crescente, capaz de se dedicar à mais sutil das relações formais, a de Eros, Leda e o Cisne, com todas as conotações e referências ao orientalismo e à significação da cor como símbolo e linha melódica. Ao final da década de 40 era possível adivinhar este futuro do artista, esta possibilidade de unir os contrários e de se oferecer como exemplo de meditação e registro de vida. Finalmente, não será esta a verdadeira função da arte? Meditação e registro de vida, o pensamento artístico do pintor Milton Dacosta na década de 40 é a síntese de seu futuro percurso.

Jacob Klintonitz

Instituto de arte contemporânea

14 - "Os Ciclistas" - 1941

Há na evolução de todo grande artista, por mais que ela seja linear e coerente, um momento decisivo, quase sempre involuntário, a partir do qual sua verdadeira estatura se revela. Para Kandinsky, por exemplo, o Rubicom foi a primeira aquarela abstrata. Em Picasso, a parada se decide após "Les Femmes d'Alger". Volpi vai-se tornando Volpi nas marinhas do finzinho da década de 30, e cresce quando começa a pintar de imaginação, no atelier. No caso de Dacosta, a "délivrance" data seguramente dos anos 50, quando ele fornece à história os primeiros quadros de sua plenitude. Isso não significa, é evidente, que a pintura anterior tenha menos qualidades especificamente pictóricas. Mas a elas se aliam, desse ponto em diante, uma inserção mais funda na contemporaneidade, a discussão dos problemas plásticos que estão vindo à tona, e a resolução - bastante pessoal - dos conflitos do momento. Na década de 50, no Brasil, o conflito fundamental é o da instauração de uma arte abstrata de tendência construtiva, oposta às

fantasias e liberdades do informalismo tachista que triunfou na Europa, voltada para a busca de valores estéticos e ideologicamente mais estáveis, e ajustados a um programa intelectualmente definido. Em seu ponto extremo, essa tendência se transformará no movimento concretista. Iniciada sob o signo da premiação de Max Bill, na I Bienal, a década de 50 se encerra com a publicação, no Rio, da "Teoria do Não-Objeto", e tem como datas-chaves as Exposições Nacionais de Arte Concreta, em dezembro de 1956, em São Paulo, no mês seguinte no Rio. Para usar os termos de Frederico Moraes num ensaio provocadoramente intitulado "Concretismo/Neoconcretismo: quem é, quem não é, quem aderiu, quem precedeu, quem tangenciou, quem permaneceu, saiu, voltou, o concretismo existiu?" (no catálogo da exposição "Projeto Construtivo Brasileiro na Arte", 1977), é certo que Dacosta não pode ser considerado um "aderente", mas sem dúvida tangenciou o concretismo. A rigor, também o precedeu, na medida em que se encaminhava para uma abstração geometrizada desde o início da década. Como se pode ver modelarmente através desta exposição, já em 1950 os rostos femininos pintados por Dacosta obedecem a um espaço arbitrário herdado do cubismo, e são, em alguns casos, pura construção, em que triângulos e círculos bastam para definir toda a figura. Em 1955, através de um processo que incluiu a simetria, ele chega a quadros virtualmente abstratos, onde a presença ou não de reminiscências figurativas (em especial o que o autor chamaria de a série dos "castelos") é uma questão em aberto. Em 56, 57, com o respaldo do concretismo triunfante, realiza as obras-primas onde convivem, em idêntica medida, a inspiração e a racionalidade, o brilho e o rigor, e a inequívoca habilidade na utilização de cores de impacto a serviço de uma acurada inteligência espacial. Junto com Volpi, parece-me que Dacosta

forneceu os melhores, mais completos e mais estimulantes quadros construtivos dos anos 50; e não é certamente por acaso que ambos ousaram se conservar independentes, nunca permitindo que sua obra se transformasse em ilustração para teorias ou posturas. Houve, sem dúvida, entre Dacosta e o concretismo um processo de "feedback". Mas este jamais prejudicou o primado de sua pura intuição. Reconheceu o próprio artista, em depoimento a Frederico Moraes (loc. cit.): "Aquele fase dos quadrados significou a necessidade de uma certa disciplina. Eu pintava como uma dona de casa que quer manter sua casa sempre arrumada. Isto exige muito esforço. Naquele tempo, acredito, era um jeito, um modo de ser. Mas acho que o ciclo da construção acabou. Cheguei ao extremo e queria que eu continuasse. Não via como. Hoje concluí pela importância do "humano" na arte. Desci à terra. A disciplina não pode ir contra a liberdade". Começada com a figura, a década de 50 terminaria para Dacosta de novo com a figura, nas cabeças de criança com capacete (algumas de rigorosa simetria), de 1958 em diante. A constatação de que a década, tão profícua quanto qualitativamente imponente, se fecha como num círculo é na verdade quase uma demonstração lapidar da organicidade da trajetória do pintor. Parece-me, inclusive, que há um espírito intrinsecamente representacional que preside, às escondidas, a esse ir e vir. Parece-me também que até no Dacosta do momento mais despojado - 57/59 - se abriga um abstrato de lirismo incandescente, que se apossa do observador tão vigorosamente quanto qualquer jogo ótico barroco. No fundo, o gosto por uma beleza sensível, sensorial, imediata, é o motor dessa pintura. Dentro desse raciocínio, não vejo nenhuma contradição, por exemplo, entre as Vênus capitosas e as composições bicromáticas com quadrados e retângulos. Em Dacosta, variam os meios, os signos e a sintaxe, mas não a

intenção. Seu projeto artístico, em qualquer época, acredita no envolvimento, na sedução, numa insidiosa carícia ao olhar. Mesmo os quadros geométricos da década de 50 permanecem sempre mágicos, lúdicos, fluidos, fluentes, e nunca se endurecem ou afastam. É nesse colóquio amoroso que reside seu segredo - e é ele que distingue sua plena posse do talento.

Olívio Tavares de Araújo

Brasília e o Barroco na Obra de Milton Dacosta

Nosso século, como nenhum outro, foi marcado por profundas e contínuas revoluções estéticas, o que nos permite considerar uma década, às vezes menos, como marco divisor entre uma situação anterior e uma outra, nova e avassaladora, quase sempre negando, até mesmo com violência, o estabelecido. Tem sido assim desde 1900.

Claro que nenhum artista se propõe a ter sua produção dividida por um espaço-tempo pré-determinado. A massificação, graças a Deus, não chegou a tal delírio.

Acho, entretanto, simpática, original, essa idéia do nosso *Museu de Arte Moderna* de dividir, por décadas, a obra de Milton. Coube-me, sem opção de escolha, falar dos anos 60, a fase romântica e amável desse artista carioca, solitário e tímido (eu o vejo assim), que ainda não conheço pessoalmente, embora atue, ininterruptamente, há 15 anos no circuito brasileiro de artes visuais!

Eu até nem vou lamentar essas circunstâncias em que participo da celebração paulista do artista,

pois me sinto mais à vontade para "entender" sua obra na bonita década dos 60.

Os tempos eram de muita revolução: hippies, Beatles, LSD. De outro Milton também, o Rauschenberg, que logo mudou seu nome para Robert e criou polêmica na Bienal de Veneza de 1964, propondo um novo tipo de pintura, a partir da colagem de cenas dramáticas dos nossos tempos.

Muito sereno, muito romântico, Milton Dacosta não coloca seus olhos e seus pincéis nessa revolução. Sua obra evolui naturalmente e são outras as suas influências.

Quando cria "O Encontro" usando conceitos da Minimal-Art, é em "O Beijo", de Brancusi, que Milton subverte suas telas geométricas numa solução pessoal que ele encontrou para dar o seu recado, depois da forte presença dos nossos neo-concretistas (poetas e pintores) na década anterior.

Também preocupado com Picasso e com o Cubismo, nosso Milton cria suas mulheres, crianças e soluções geométricas, não podendo ignorar, lúcido que é, o fenômeno (1961) mágico de formas arrojadas de Oscar Niemeyer, implantadas numa Brasília exótica, brotando absurda e desconcertante, no cerrado do Centro-Oeste, onde o Brasil ainda é puro e imune aos forasteiros...

Não há como negar isto: a década de 60, na obra de Milton Dacosta, é uma síntese que une nosso incorrigível romantismo, herdado de índios e africanos. É, também, uma herança natural do Barroco nascido em Minas Gerais no século XVIII e do qual, felizmente, nenhum de nós - artistas ou não - se livra, porque é uma extensão natural de nosso ser e viver.

A década de 60, de Milton Dacosta, resulta de uma mistura muito pessoal do Cubismo, de Picasso, de Brancusi, de Brasília, do Barroco e, sobretudo, do próprio Milton que inventa um repertório absolutamente pessoal, do qual

podemos não gostar ou discordar, mas, isso
jamais, ignorar.

O Tempo, como sempre, sedimentará emoções e
tenho como certo que o século 21 (assim mesmo
com algarismos arábicos) reconhecerá, em Milton,
o introdutor das formas arquitetônicas de Brasília
na pintura brasileira dos nossos dias. Quem sabe
ver, já descobriu isso.

Olney Krüse

Instituto de arte contemporânea

linha poderia deixá-los completamente calvos e glabros.

No mundo presente de Dacosta, como disse Rilke sobre o tempo na obra, há o futuro do desejo e o passado da memória. A força interior-exterior do artista, junta-se a força da consciência e imaginação -dom maior. Pode-se adicionar à síntese de Milton, nunca subtrair-lhe.

Um pelo outro eles se multiplicam. Se o traço se junta à cor, dilata os corpos, como o calor. E cada cor -rosa, azul, sépia, marron, vermelho - tem o seu coeficiente de dilatação. Mas tanto o desenho quanto a pintura em Dacosta são de um refinamento, de uma tal qualidade, que a grande indagação ainda é o momento em que eles tentam apoderar-se do instante -da instantaneidade - de uma metamorfose em superfícies que quase lembram a "minimal-art" e da inelutável *carnage* vital.

Como disse um humanista grego do século III, elas "abrandam o sofrimento, refrescam a memória de quantos já estiveram enamorados e aguçam o ânimo dos que ainda não conhecem o amor, pois que ninguém foge de todo a ele e ninguém jamais dele fugirá enquanto existir a beleza e olhos para vê-la." Assim seja.

Jayme Mauricio

As vênus e pássaros ponderáveis que Milton Dacosta vem recriando - para os paulistas iniciadas com o requintado álbum de Julio Pacello, convertidas da alquimia tonal-sensual à alquimia da gravura - prosseguem seus vãos já não só eróticos mas também místicos, os seios e nádegas que Drummond viu também bandolins docemente cantantes, fazem-se ainda quase-asas que parecem responder com rumores harmônicos ao movimento do pássaro a visitá-las, como no canto drummoniano:

"De corpos a enlaçar-se e desatar-se em curva curva curva bem amada e o que o corpo inventa é coisa alada"

A imagem do pássaro em missão erótica tornou-se quase obsessiva entre as imagens de Dacosta - sem que nada exista de gratuito nisso, posto que a obsessão tem origens e raízes suficientemente intensas e constantes para gerar mitos. A clássica imagem do cisne a visitar Leda guarda ainda um certo simbolismo fálico e mórbido. Os pássaros de Milton são mais alados e apressados. Conseguem

traçar livremente as curvas mais caprichosas no espaço, no vaidoso adágio que antecipa o encontro, criando uma certa musicalidade para atenuar a ação sobre as ponderáveis massas corpóreas das vênus.

E a rima plástica - ave-fêmea/asa-nádega - triunfa sobre as contingências do corpo e da matéria. Na mediação, a dominante erótica une o individual ao cósmico. O símbolo é reposto em sua plena atmosfera original. O Eros de Dacosta recusa a morbidez. O peso que alça voo é afirmação de vida. A um só tempo neo-romântico no extremo rigor da linha cor forma, eterno defensor, porém do amor erótico, Dacosta impõe a revalorização das noções *délaisées*: calma, espírito, qualidade, integridade.

Gordas e belas - em desafio a convenções - ágeis e langorosas, frementes e humoradas, afetivas e levianas, como convém, as vênus dacostianas insinuam, com seus contornos plenos, trajetórias mais livres e sensuais. Nem sempre repousam à espera do pássaro. Seu corpo mesmo é voo - e, neste sentido, êxtase - quase tanto quanto o imortalizado-encenado por Bernini da fidalga, monja e santa Thereza D'Ávila (descrito por ela mesma em obra memorável, que convém ler no original).

E, no sempre rotulado "clássico" Dacosta, o barroco faz-se presença essencial, na medida do possível "ordenado", ultrapassando conflitos - ou antinomias -convencionais entre o clássico e o barroco. O artista não se submeteria mesmo a uma definição ortodoxa, determinista. Sua linha é linha mesmo e não conhece retórica: afasta-se das ramificações capilares e nervosas e usa sempre os elementos retificados mais precisos para mostrar o barroco. O primado do traço e linha foi sempre dominante no Dacosta dos últimos 25 anos, às vezes de mais, porém sempre com afetividade ou texturas, no eterno desafio de alguns intelectuais. Desde o Minotauro da lenda até Borges, o que os intelectuais têm dito sobre a

Caro amigo, concretizei um velho anseio: organizar essa retrospectiva para o nosso Museu. Um dia, ao ver seus quadros, perguntei:

- Você é tudo isso, Milton?

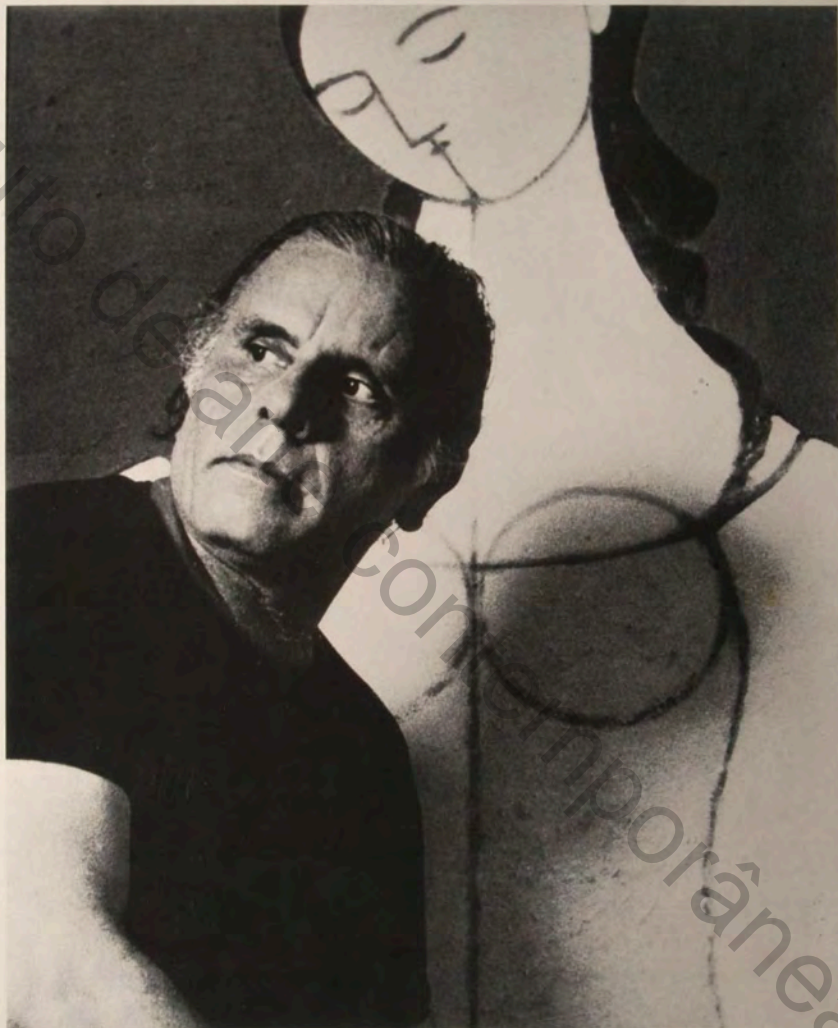
- Não, a gente pinta não o que se é, mas o que a gente gostaria de ser. Fascinado, vibrei com sua resposta sincera. Aumentou-se em mim o entusiasmo e o respeito que tenho pelo seu trabalho.

Os diversos caminhos trilhados por você, resultaram em uma obra que reflete bem o homem, ora cerebral e construtivo ora sensual e livre. É toda uma vida levada com mão firme de mestre. A sua busca na simplicidade e pureza - desde seus primeiros estudos no Núcleo Bernardelli, depois nas viagens e no silêncio do isolamento de seu estúdio - é demonstrada nos trabalhos escolhidos para essa mostra, boa parte reproduzidos neste livro. Sua obra, sua vida! Quando você diz: "pinto porque é a única coisa que sei fazer..." eu acrescento "...e isto é tudo!" Com essa obra você inventa sonhos, combina cores e fabrica amor. Pintando, você faz vida.

Cesar Luis Pires de Mello

Instituto de Arte Contemporânea

Milton Dacosta 1971



Notas Biográficas do artista, baseadas nas informações obtidas a partir de catálogos de exposição, documentação do período e principalmente da valiosa colaboração de Maria Leontina.

1915 - Milton (Rodrigues da Costa) Dacosta, Niterói, RJ.

1929 - Curso de desenho e pintura com o prof. A. Hantv, Niterói, RJ.

1930 - Curso Livre do prof. Augusto José Marques Junior, Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

1931 - Co-fundador do Núcleo Bernardelli, grupo de trabalho coordenado por Edson Motta, com Bustamante Sá, Ado Malagólli, Pancetti, Sigaud e outros.

1936 - Exposição individual, Galeria Santo Antonio, Rio de Janeiro.

1937 - Exposição (com Bustamante Sá), Galeria Santo Antonio, Rio de Janeiro.

1939 - Expõe no Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, onde recebe Medalha de Bronze.

1941 - Expõe no Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, onde recebe Medalha de Prata e Certificado de Isenção de Júri.

1944 - Expõe no Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, onde recebe o Prêmio de Viagem ao Exterior.

- Exposição individual no Instituto dos Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro.

1945 - Expõe na Exposição Coletiva de Arte Brasileira Contemporânea, Buenos Aires e La Plata, Argentina.

- Viagem aos Estados Unidos.

- Em New York, estuda na Artist's League of America, onde expõe algumas obras.

1946 - Viagem a Europa.

- Em Lisboa, participa de uma mostra coletiva.

- Viagem por vários países europeus.

- Fixa-se em Paris, onde frequenta os cursos da Académie De La Grande Chaumière.

1947 - Regresso ao Brasil.

1949 - Casa-se com Maria Leontina Franco, fixando-se depois em São Paulo.

- Exposição individual, Livraria Jaraguá, São Paulo.

1950 - Exposição individual, Ministério de Educação e Saúde, Rio de Janeiro.

- Expõe na XXV Biennale, Veneza.

- Exposição individual, (organizada pelo Art Club), Galeria Itapetininga, São Paulo.

1951 - Expõe no Salão Paulista de Arte Moderna, onde recebe o Prêmio Governo do Estado.

- Expõe na "La Pintura Brasileña Moderna", Buenos Aires,

Rosário, Santiago do Chile e Lima.

- Exposição individual, Galeria Dórnus, São Paulo.

- Expõe na I Bienal, São Paulo.

- Viagem (com Maria Leontina) pelo norte do Brasil.

- Retorno a São Paulo.

- Exposição individual, Galeria Ambiente, São Paulo.

1952 - Expõe na "Artistas Brasileños Contemporaneos", Santiago do Chile.

- Expõe na "Exposição de Artistas Brasileiros" Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

- Expõe na "Artistes Brésiliens", Salon de Mai, Paris.

- Viagem (com Maria Leontina), a Europa.

1953 - Expõe (com Volpi, José Antonio da Silva e Djanira) no Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte - Museu de Arte de São Paulo.

1954 - Retorno ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro.

- Membro do Júri de Seleção e Premiação do Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro.

- Expõe no IV Salão Baiano de Belas Artes, Galeria Oxumaré, Salvador, Bahia.

- Expõe (com José Pedrosa), Galeria Tenreiro, Rio de Janeiro, 1955 - Expõe na III Bienal, São Paulo, onde recebe o Prêmio ao Melhor Pintor Nacional e Prêmio U.N.E.S.C.O., de reprodução, pela New York Graphic Society, de uma obra exposta.

- Expõe na mostra organizada pelos Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e São Paulo, Lugano, Suíça.

- Expõe na mostra "IX Prêmio Internacional Lissone de Pintura", Milão, Itália.

- Exposição individual, Petite Galerie, Rio de Janeiro.

1956 - Exposição individual, Museu de Arte Moderna, São Paulo.

- 1º Prêmio Leirner, ex-aequo (com Volpi), pela melhor

exposição do ano, efetuada no Museu de Arte Moderna São Paulo.

- Expõe na Mostra Nacional do Prêmio Guggenheim, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro e selecionado expõe (1957) na Mostra Internacional, New York.

1957 - Faz (de parceria com Franz Weismann) um painel para a

agência da KLM (arquiteto Henrique Mindlin), Rio de Janeiro.

1958 - Exposição individual, Galeria Gêa, Rio de Janeiro.

- Expõe na Mostra Nacional do Prêmio Guggenheim, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro e selecionado expõe (1959) na Mostra Internacional, New York.

1959 - Mostra retrospectiva, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.

- Nasce seu filho Alexandre.

- Voto de Louvor da Câmara de Vereadores ao Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, Pela retrospectiva de suas obras.

1960 - Selecionado, expõe na Mostra Internacional do Prêmio Guggenheim, New York.

1961 - Volta a residir em São Paulo.

- Sala especial, Bienal de São Paulo.

- Expõe na "O Rosto e a Obra", Galeria I.B.E.U., Rio de Janeiro.

- Expõe no I Salão, Petite Galerie, Rio de Janeiro, onde recebe o 1º Prêmio ex-aequo (com Rubem Valentim).

1962 - Exposição (com Ana Letycia), Petite Galerie, Rio de Janeiro.

1963 - Exposição individual, Galeria Ambiente-Spazio, Rio de Janeiro.

1963 - Pinta painéis para decoração de navios da Companhia Nacional de Navegação Costeira.

- Expõe no I Resumo de Arte, Jornal do Brasil, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.

1964 - Exposição individual, Galeria Móvilina, São Paulo.

- Expõe em mostra coletiva, Palácio da Foz, Lisboa.

1966 - Expõe na Bienal Nacional de Artes Plásticas, Salvador, Bahia.

1967 - Album de gravuras, sob tema das Vênus, com poema de

Carlos Drummond de Andrade, editado por Julio Pacello, São Paulo.

- Exposição individual, Gabinete de Arte Barcinski, Rio de

Janeiro.

- Exposição individual, Galeria Módulo, Rio de Janeiro.

1971 - Exposição individual, (em colaboração com Galeria da Praça), Petite Galerie, Rio de Janeiro.

- Expõe (com Bonadei e Volpi), Galeria Astreia, São Paulo.

1972 - Expõe na Arte/Brasil/Hoje: 50 Anos Depois, Galeria Collectio, São Paulo.

1973 - Volta a residir no Rio de Janeiro.

- Exposição individual "Homenagem a Milton Dacosta"

Galeria da Praça, Rio de Janeiro.

1974 - Exposição individual, Galeria Arte Global, São Paulo.

1975 - Expõe na Arte Brasileira no Século XX, Caminhos e

Tendências, Rio de Janeiro.

1976 - Exposição individual, Galeria da Praça, Rio de Janeiro.
1977 - Exposição individual, Escritório de Arte Luis Caetano, São Paulo.
- Álbum de gravuras "Vênus Revisitada", introdução de Antonio Bento, edição Escritório de Arte Luis Caetano e Lithos Edições Ltda., Rio de Janeiro.
- Exposição Projeto Construtivo Brasileiro na Arte (1950-1962), Pinacoteca do Estado de São Paulo e Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
1979 - Exposição individual, Galeria Acervo, Rio de Janeiro.
1980 - Exposição (com Volpi e Bruno Giorgi), Galeria Acervo, Rio de Janeiro.
1981 - Mostra retrospectiva, Museu de Arte Moderna, São Paulo.
- Edição especial de foto-litografias, editadas pelo Museu de Arte Moderna, São Paulo.

Obras expostas.

O número de ordem é o mesmo tanto para a indicação da ilustração do livro assim como identificação das obras expostas nessa Retrospectiva. O título da obra, entre aspas, é seguido pelo número do ano de fatura e/ou término, quando declarado na obra ou pelo autor. O formato é indicado pela medida da altura seguida daquela da largura e são dadas em cm.

- 1 - "Igreja do Rosário-Ouro Preto" - 1936 - óleo sobre tela - 22,5x29,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 2 - "Ouro Preto" - 1936 - óleo sobre tela - 36,0x46,0 - Coleção Alfredo Rizkallah.
- 3 - "Ouro Preto" - 1936 - óleo sobre tela - 81,0x100,0 - Coleção Antonio Luiz Drogheiti Junior.
- 4 - "Ouro Preto" - 1936 - óleo sobre tela - 47,0x39,0 - Coleção Constantino Cury
- 5 - "Campo de Santana, Rio" - 1937 - óleo sobre tela - 22,0x37,0 - Coleção Edgard de Almeida.
- 6 - "Casario" - 1937 - óleo sobre madeira - 19,5x27,5 - Coleção Francisco Geraldo Longo.
- 7 - "Paisagem" - 1937 - óleo sobre madeira - 14,0x19,0 - Coleção Francisco Geraldo Longo
- 8 - "Paisagem Urbana" - 1937 - óleo sobre cartão - 19,0x23,0 - Coleção Maria Leontina Franco Dacosta.
- 9 - "Retrato de Pancetti" - 1937 - óleo sobre madeira 33,0x24,0 - Coleção Particular.
- 10 - "Auto Retrato" - 1938 - óleo sobre madeira - 40,0x34,0 - Coleção Gilda Vieira.
- 11 - "Cozinha de Restaurante" - 1938 - óleo sobre madeira - 20,0x24,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 12 - "Praça da República, Rio" - 1938 - óleo sobre tela - 24,0x33,0 - Coleção Maria Leontina Franco Dacosta.
- 13 - "Cena de Café" - c. 1939 - óleo sobre madeira - 19,0x21,0 - Coleção Radu Macruz.
- 14 - "Os Ciclistas" - 1941 - óleo sobre tela - 49,0x60,0 - Coleção Henrique Oswald de Andrade.
- 15 - "A Piscina" - 1942 - óleo sobre tela - 81,0x100,0 - Coleção Roberto Marinho.
- 16 - "Roda" - 1942 - óleo sobre tela - 60,0x73,0 - Coleção Gilberto Chateaubriand.
- 17 - "Composição" - 1942 - óleo sobre tela - 62,0x78,0 - Coleção Edgard de Almeida.
- 18 - "Composição" - 1942 - óleo sobre tela - 60,0x73,0 - Coleção Edgard de Almeida.
- 19 - "Figura" - 1943 - óleo sobre tela - 55,0x46,0 - Coleção Edgard de Almeida
- 20 - "No Estúdio" - 1943 - óleo sobre tela - 60,0x73,0 - Coleção Particular.
- 21 - "Composição" - 1944 - óleo sobre tela - 87,0x81,0 - Coleção Museu Nacional de Belas Artes.
- 22 - "Atelier" - 1944 - óleo sobre papelão - 33,0x27,0 - Coleção Torquato Saboia Pessoa.
- 23 - "Auto-Retrato" - 1945 - óleo sobre tela - 49,0x40,0 - Coleção Edgard de Almeida.
- 24 - "Retrato de Menina" - 1945 - óleo sobre tela - 41,0x34,0 -

- Coleção Francisco Marcio Carneiro Porto.
- 25 - "Figura" - 1948 - óleo sobre tela - 55,0x46,0 - Coleção Gilberto Chateaubriand
- 26 - "Namorados" - 1948 - óleo sobre tela - 100,0x81,0 - Coleção Edgard de Almeida.
- 27 - "Alexandre e o Gato" - 1949 - óleo sobre tela - 81,0x65,0 - Coleção Rodolfo Ortenblad Filho.
- 28 - "Figura" - 1949 - óleo sobre tela - 41,0x33,0 - Coleção Horacio Leirner.
- 29 - "Figura" - 1949 - óleo sobre tela - 92,0x73,0 - Coleção Jairo Eduardo Loureiro.
- 30 - "Menina Pulando Corda" - 1949 - óleo sobre tela - 46,0x38,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 31 - "Menino e Gato" - 1949 - óleo sobre tela - 46,0x33,0 - Coleção Maier Taub Rosenthal.
- 32 - "Moças e Gato" - 1949 - óleo sobre tela - 60,0x73,0 - Coleção Fernando Muniz de Souza.
- 33 - "Namorados" - 1949 - óleo sobre tela - 54,0x37,0 - Coleção Rubens Schahim.
- 34 - "Figura" - 1949 - óleo sobre tela - 41,0x33,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 35 - "Fuga" - 1949 - óleo sobre tela - 60,0x70,0 - Coleção Gilda Vieira.
- 36 - "Natureza Morta" - 1949 - óleo sobre tela - 73,0x92,0 - Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.
- 37 - "Figura" - óleo sobre tela - 24,0x19,0 - Coleção João Carlos Leite Bastos.
- 38 - "Carrossel" - 1950 - óleo sobre tela - 46,0x55,0 - Coleção João Carlos Leite Bastos.
- 39 - "Natureza Morta" - 1950 - óleo sobre tela - 20,0x30,0 - Coleção Particular.
- 40 - "Figura" - 1950 - óleo sobre tela - 73,0x60,0 - Coleção Adriana Crespi.
- 41 - "Figura" - c. 1950 - óleo sobre tela - 27,0x24,0 - Coleção Raul Forbes.
- 42 - "Figura Sentada" - 1950 - óleo sobre tela - 92,0x65,0 - Coleção Domingos Giobbi.
- 43 - "Figura Verde" - 1950 - óleo sobre tela - 92,0x73,0 - Coleção Haydée Pessoa.
- 44 - "Figura" - 1950 - óleo sobre tela - 41,0x33,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 45 - "Figura" - 1950 - óleo sobre tela - 81,0x65,0 - Coleção Francisco E. P. Guimarães.
- 46 - "Menina, Bicicleta e Borboletas" - 1950 - óleo sobre tela - 54,0x54,0 - Coleção Antonio Luiz Droghetti Junior.
- 47 - "Menina, Bicicleta e Borboletas" - 1950 - óleo sobre tela - 46,0x55,0 - Coleção Francisco Geraldo Longo.
- 48 - "Menina e Borboletas" - c. 1950 - óleo sobre tela - 60,0x73,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 49 - "Menina na Praia" - c. 1950 - óleo sobre tela - 22,0x27,0 - Coleção Francisco Geraldo Longo.
- 50 - "Carrossel" - c. 1950 - óleo sobre tela - 81,0x100,0 - Coleção Nininha Magalhães Lins.
- 51 - "Menina e Vaso de Pianta" - 1950 - óleo sobre tela - 65,0x45,0 - Coleção Antonio Luiz Droghetti Junior.
- 52 - "Figura Sentada" - 1950 - óleo sobre tela - 38,0x29,0 - Coleção Raul Forbes.
- 53 - "Figura" - 1951 - óleo sobre tela - 55,0x38,0 - Coleção Carlos Lemos.
- 54 - "Natureza Morta" - 1951 - óleo sobre tela - 46,0x55,0 - Coleção Museu de Arte Contemporânea da USP.
- 55 - "Figura" - 1951 - óleo sobre tela - 55,0x46,0 - Coleção Horacio Leirner.
- 56 - "Figura" - 1951 - óleo sobre tela - 36,0x27,0 - Coleção José Nemirovsky.
- 57 - "Figura Sentada" - 1951 - óleo sobre tela - 22,0x16,0 - Coleção Orestes Forlenza Neto.
- 58 - "Figura" - c. 1951 - óleo sobre tela - 81,0x56,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 59 - "Figura" - 1951 - óleo sobre tela - 73,0x62,0 - Coleção Jayme Sverner.
- 60 - "Figura Sentada" - 1951 - óleo sobre tela - 92,0x73,0 - Coleção José Nemirovsky.
- 61 - "Figura" - 1951 - óleo sobre tela - 41,0x37,0 - Coleção Particular.
- 62 - "Figura" - 1951 - óleo sobre tela - 116,0x89,0 - Coleção Francisco E. P. Guimarães.
- 63 - "Figura" - 1951 - óleo sobre tela - 92,0x73,0 - Coleção Convenção S/A Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários.
- 64 - "Figura" - 1951 - óleo sobre tela - 87,0x50,0 - Coleção Jairo Eduardo Loureiro.
- 65 - "Figura" - 1952 - óleo sobre tela - 50,0x40,0 - Coleção Paulo Teixeira de Mello Sabugosa.
- 66 - "Figura" - 1952 - óleo sobre tela - 46,0x38,0 - Coleção Domingos Giobbi.
- 67 - "Moça" - 1952 - óleo sobre tela - 24,0x19,0 - Coleção Erico Stickele.
- 68 - "Figuras" - 1952 - óleo sobre tela - 65,0x74,0 - Coleção Paul Kessler.
- 69 - "Figura" - 1952 - óleo sobre tela - 92,0x73,0 - Coleção Particular.
- 70 - "Figura" - óleo sobre tela - 68,0x30,0 - Coleção Gilberto Chateaubriand.
- 71 - "Figura de Chapéu" - 1954/1955 - óleo sobre tela - 35,0x25,0 - Coleção Marcílio Marques Moreira.
- 72 - "Figura de Chapéu" - 1954/1955 - óleo sobre tela - 101,0x61,0 - Coleção Rolf Baumgart.
- 73 - "Figura Alexandre" - 1954/1955 - óleo sobre papel - 11,0x14,0 - Coleção L. M. de Andrade.
- 74 - "Composição" - 1954 - óleo sobre tela - 50,0x81,0 - Coleção Gilberto Chateaubriand.
- 75 - "Composição sobre Marrom" - 1954 - óleo sobre tela - 30,0x40,0 - Coleção Jairo Eduardo Loureiro.
- 76 - "Composição" - 1954/1955 - óleo sobre tela - 60,0x81,0 - Coleção João Carlos Leite Bastos.
- 77 - "Sobre a Horizontal" - 1954/1955 - óleo sobre tela - 38,0x81,0 - Coleção Ílde Maksoud.

- 78 - "Em um Triângulo Rosa" - 1955 - óleo sobre tela - 38,0x55,0 - Coleção Sabina e Saul Libman.
- 79 - "Construção em Verde" - 1955 - óleo sobre tela - 24,0x35,0 - Coleção Francisco Geraldo Longo.
- 80 - "Construção sobre fundo Preto" - 1955 - óleo sobre tela - 1,20x1,60 - Coleção Alexandre Franco Dacosta.
- 81 - "Sobre fundo Azul" - 1955 - óleo sobre tela - 65,0x93,0 - Coleção Gerard Loeb e Paulo Kuczynski.
- 82 - "Sobre fundo Negro" - 1955 - óleo sobre tela - 68,0x98,0 - Coleção Jairo Eduardo Loureiro.
- 83 - "Composição" - 1955/1956 - óleo sobre tela - 73,0x92,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 84 - "Construção" - 1956 - óleo sobre tela - 53,0x64,0 - Coleção Rubens Schahim.
- 85 - "Construção em Cinza" - 1956 - óleo sobre tela - 24,0x35,0 - Coleção Haydée Pessoa.
- 86 - "Construção sobre fundo Negro" - 1956/1957 - óleo sobre tela - 38,0x46,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 87 - "Construção sobre fundo Vermelho" - 1957/1960 - óleo sobre tela - 41,0x33,0 - Coleção Márcilio Marques Moreira.
- 88 - "Em Branco" - 1957 - óleo sobre tela - 60,0x73,0 - Coleção Alexandre Franco Dacosta.
- 89 - "Em Marron" - 1957 - óleo sobre tela - 46,0x81,0 - Coleção José Nemirovsky.
- 90 - "Sobre fundo Azul" - 1957 - óleo sobre tela - 33,0x46,0 - Coleção Lulla e Piero Gancia.
- 91 - "Em Vermelho" - 1958 - óleo sobre tela - 73,0x92,0 - Coleção Adolfo Leirner.
- 92 - "Em Vermelho" - 1958 - óleo sobre tela - 42,0x34,0 - Coleção Lídia e Jorge H. F. de Carvalho.
- 93 - "Em Azul" - 1958 - óleo sobre tela - 19,0x24,0 - Coleção L. M. de Andrade.
- 94 - "Figura" - 1957 - óleo sobre tela - 61,0x26,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 95 - "Figura" - 1958 - óleo sobre tela - 24,0x19,0 - Coleção Gianni Samaja.
- 96 - "Figura de Chapéu" - 1959 - óleo sobre tela - 27,0x22,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
- 97 - "Figura de Chapéu" - 1959 - óleo sobre tela - 27,0x22,0 - Coleção Orestes Forlenza Neto.
- 98 - "Alexandre" - 1959 - óleo sobre tela - 69,0x37,5 - Coleção Horacio Leirner.
- 99 - "Em Preto" - 1959 - óleo sobre tela - 38,0x46,0 - Coleção Rodolpho Ortenblad Filho.
- 100 - "Todo em Branco na Horizontal" - 1959 - óleo sobre tela - 50,0x150,0 - Coleção Maria Eugênia Franco.
- 101 - "Figura de Chapéu" - 1960 - óleo sobre tela - 24,0x19,0 - Coleção Alexandre Franco Dacosta.
- 102 - "Figura de Chapéu" - 1960 - óleo sobre tela - 24,0x19,0 - Coleção Alexandre Franco Dacosta.
- 103 - "Encontro" - 1961 - óleo sobre tela - 27,0x22,0 - Coleção L. M. de Andrade.
- 104 - "Encontro II" - 1961 - óleo sobre tela - 22,0x27,0 - Coleção Particular.
- 105 - "Encontro III" - 1961 - óleo sobre tela - 81,0x100,0 - Coleção Ladi Biezus.
- 106 - "Encontro III" - 1961 - óleo sobre tela - 61,0x50,0 - Coleção Theon Spanulis.
- 107 - "Composição" - 1961 - óleo sobre tela - 81,0x100,0 - Coleção Alexandre Franco Dacosta.
- 108 - "Carrossel" - c. 1961 - óleo sobre tela - 22,0x27,0 - Coleção Francisco Geraldo Longo.
- 109 - "Retrato de Alexandre" - c. 1961 - óleo sobre tela - 24,0x14,0 - Coleção Maria Leontina Franco Dacosta.
- 110 - "Figura" - c. 1961 - óleo sobre tela - 100,0x80,0 - Coleção Manoel Teperman.
- 111 - "Figura" - 1961 - óleo sobre tela - 61,0x50,0 - Coleção Gilberto Cury.
- 112 - "Figura e Borboleta" - 1961 - óleo sobre tela - 100,0x81,0 - Coleção Maria Isabel R. de Carvalho.
- 113 - "Figura Sentada" - 1961 - óleo sobre tela - 74,0x61,0 - Coleção Adolfo Birman.
- 114 - "Figura Sentada" - 1961 - óleo sobre tela - 92,0x65,0 - Coleção Raul Forbes.
- 115 - "Figura" - 1961 - óleo sobre tela - 100,0x80,0 - Coleção Nininha e José Luiz Magalhães Lins.
- 116 - "Figura" - 1963 - óleo sobre tela - 55,0x46,0 - Coleção Thereza Pfisterer.
- 117 - "Carrossel" - 1963 - acrílica sobre tela - 73,0x92,0 - Coleção Antonio Luiz Droghetti Junior.
- 118 - "Menina" - 1963 - óleo sobre tela - 62,0x52,0 - Coleção Manoel Teperman.
- 119 - "Menina Correndo" - 1963 - óleo sobre papel colado sobre madeira - 23,0x21,0 - Coleção Ladi Biezus.
- 120 - "Menina e Borboletas" - 1963 - óleo sobre tela - 41,0x33,0 - Coleção Thereza Pfisterer.
- 121 - "Menina na Bicicleta" - c. 1963 - óleo sobre tela - 22,0x27,0 - Coleção Leontina e Bruno Giorgi.
- 122 - "Menina Pulando Corda" - c. 1963 - óleo sobre tela - 24,0x16,0 - Coleção Luiz Paulo S. Marcolini.
- 123 - "Pássaros" - 1963 - óleo sobre tela - 24,7x53,0 - Coleção João Marino.
- 124 - "Figura" - 1964 - óleo sobre tela - 61,0x50,0 - Coleção Maier Taub Rosenthal.
- 125 - "Figura" - 1964 - óleo sobre tela - 23,5x19,0 - Coleção Particular.
- 126 - "Figura e Pássaro" - 1964 - óleo sobre tela - 54,0x65,0 - Coleção Maier Taub Rosenthal.
- 127 - "Figura" - c. 1964 - óleo sobre tela - 24,0x19,0 - Coleção Julio Maria de Carvalho e Sá.
- 128 - "Figura" - c. 1965 - óleo sobre tela - 65,0x54,0 - Coleção José Adolfo Pascowitch.
- 129 - "Vênus VIII" - 1965 - óleo sobre tela - 35,0x24,0 - Coleção Geraldo Faro.
- 130 - "Menina e Borboletas" - 1966 - óleo sobre tela - 22,0x27,0 - Coleção Luiz Antonio Gravata Galvão.
- 131 - "Vênus e Pássaro" - 1966 - acrílica sobre tela - 19,0x24,0 - Coleção Julio Maria de Carvalho e Sá.

132 - "Figura e Pássaro" - 1967 - acrílica sobre tela - 33,0x41,0 - Coleção Francisco Geraldo Longo.
133 - "Figuras e Pássaros" - 1967 - acrílica sobre tela - 55,0x75,0 - Coleção Francisco Geraldo Longo.
134 - "Vênus" - 1967 - acrílica sobre papel colado sobre eucatex - 23,0x28,0 - Coleção Adilson Renato Reis.
135 - "Vênus" - c. 1968 - acrílica sobre tela - 24,0x18,0 - Coleção Horácio Leirner.
136 - "Figura e Pássaro" - c. 1968 - acrílica sobre tela - 46,0x55,0 - Coleção Rolf Baumgärt.
137 - "Vênus e Pássaro" - 1969 - acrílica sobre tela - 27,0x41,0 - Coleção Rodolpho Orientblat Filho.
138 - "Figura e Pássaros" - acrílica sobre tela - 41,0x33,0 - Coleção Particular.
139 - "Figura e Pássaros" - 1970 - acrílica sobre tela - 46,0x55,0 - Coleção Fernando Silva.
140 - "Figura e Pássaros" - c. 1970 - acrílica sobre tela 24,0x19,0 - Coleção José Paulo Gandra Martins.
141 - "Figura e Pássaros" - c. 1970 - acrílica sobre tela - 61,0x45,0 - Coleção Maria Sylvia Sodré Assumpção.
142 - "Figura" - c. 1971 - acrílica sobre tela - 111,0x80,0 - Coleção Sul América Seguros.
143 - "Vênus" - 1971 - acrílica sobre tela - 116,0x97,0 - Coleção Antonio Luiz Droghetti Junior.
144 - "Vênus e Pássaro" - 1971 - acrílica sobre tela - 65,0x54,0 - Coleção Constantino Cury.
145 - "Vênus e Pássaro" - 1971 - acrílica sobre tela - 81,0x100,0 - Coleção Horácio Leirner.
146 - "Vênus e Pássaro" - 1971 - acrílica sobre tela - 54,0x81,0 - Coleção Pinacoteca do Estado de São Paulo.
147 - "Figura" - 1971/1972 - acrílica sobre tela - 144,0x96,0 - Coleção José Basano Neto.
148 - "Vênus" - c. 1973 - acrílica sobre tela - 47,0x55,0 - Coleção Sofia Tassinari.
149 - "Vênus e Pássaro" - 1973 - acrílica sobre tela - 54,0x65,0 - Coleção Nestor Bergamo.
150 - "Vênus VIII" - c. 1974 - acrílica sobre tela - 70,0x35,0 - Coleção Francisco E.P. Guimarães.
151 - "Menina de Chapéu" - 1975 - acrílica sobre tela - 30,0x30,0 - Coleção Anita Marques da Costa.
152 - "Vênus" - 1975 - acrílica sobre tela - 65,0x46,0 - Coleção Maier Taub Rosenthal.
153 - "Vênus Ajoelhada" - 1975 - acrílica sobre tela - 73,0x54,0 - Coleção Acervo Galeria de Arte.
154 - "Vênus" - 1975 - acrílica sobre tela - 92,0x73,0 - Coleção Roberto Marinho.
155 - "Vênus e Pássaro" - 1975 - acrílica sobre tela - 50,0x65,0 - Coleção Ellye Saddi.
156 - "Vênus e Pássaro" - 1975 - acrílica sobre tela - 73,0x92,0 - Coleção Zilmo Milman.
157 - "Vênus e Pássaro" - 1979 - acrílica sobre tela - 50,0x100,0 - Coleção Antonio Luiz Droghetti Junior.
158 - "Vênus e Pássaro" - 1979 - acrílica sobre tela - 65,0x81,0 - Coleção Mozart Amaral.

159 - "Vênus e Pássaro" - 1979 - acrílica sobre tela - 60,0x81,0 - Coleção Acervo Galeria de Arte.
160 - "Vênus e Pássaro Amoroso" - 1979 - acrílica sobre tela - 73,0x92,0 - Coleção Acervo Galeria de Arte.
161 - "Vênus e Pássaro" - 1979 - acrílica sobre tela - 65,0x90,0 - Coleção José Basano Neto.
162 - "Vênus e Pássaro Amoroso" - 1979/1980 - acrílica sobre tela - 65,0x92,0 - Coleção Antonio Luiz Droghetti Junior.
163 - "Vênus e Pássaro" - 1980 - acrílica sobre tela - 19,0x27,0 - Coleção Frederico Melcher.
164 - "Vênus e Pássaro Amoroso" - 1980 - - acrílica sobre tela - 38,0x55,0 - Coleção Frederico Melcher.
165 - "Pássaros" - 1981 - acrílica sobre tela - 12,0x22,0 - Coleção Acervo Galeria de Arte.

Paralela e contemporaneamente à realização dessa Mostra Retrospectiva foi editada e distribuída, pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, uma série de 6 gravuras à cores sobre papel timbrado a seco MAM, por processo litográfico com fotolitos, a partir de imagens de obras existentes de Milton Dacosta, cada uma em tiragem de 150 exemplares numerados, assinados e supervisionados pelo autor: "Carrossel de 1950", da coleção João Carlos Leite Bastos, 1981, chapa impressa a 5 cores de 39,8x47,9 sobre papel Fabriano 5 Cotton de 54,0x70,8; "Menina de Bicicleta e Borboletas, de 1950", da coleção Antonio Luiz Droghetti Jr., 1981, chapa impressa a 5 cores de 54,0x53,5 sobre papel Fabriano 5 Cotton de 70,5x67,0; "Figura e Vaso de Planta, de 1950", da coleção Antonio Luiz Droghetti Jr., 1981, chapa impressa a 6 cores de 65,0x46,0 sobre papel Arches Velin de 79,0x59,0; "Figura, de 1951", da coleção Horácio Leirner, 1981, chapa impressa a 4 cores de 48,0x40,0 sobre papel Fabriano 5 Cotton de 71,0x52,0; "Figura, de 1951", da coleção Jayme Sverner, 1981, chapa impressa a 6 cores de 51,0x42,0 sobre papel Arches Velin de 77,2x57,5; "Figura de Chapéu, de 1959", da coleção Orestes Forlenza Neto, 1981, chapa impressa a 3 cores de 43,5x35,0 sobre papel Arches Satiné de 76,5x56,5; cuja execução foi confiada a Ymagos Atelier de Gravuras de Arte Ltda., coordenada por Elsie Motta, com a parte técnica dirigida por Patricia M. Dacca e a impressão por Sebastião J. F. Teixeira, Francisco de Assis Molina, José Alberto dos Santos e Antonio R. Garcia. Acabamentos a cargo de Nádia Motta. Fotolitos por Intercolor Fotolitos Ltda.

Organização da mostra retrospectiva
Cesar Luis Pires de Mello
assessoria: Diná Lopes Coelho

O Museu de Arte Moderna de São Paulo agradece
a Milton Dacosta, pela sua obra;
a Willys de Castro, pela atenção, trabalho e criteriosa orientação;
a Max Perlingeiro, representante da Comissão de Arte de nosso
Museu no Rio de Janeiro, pela sua valiosa acessoria e dedicação;
aos Comerciantes de Arte de São Paulo e Rio de Janeiro que nos
ajudaram com informações para a localização das obras
escolhidas;
a todos os colecionadores de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília,
Belo Horizonte e Porto Alegre, pela cessão dos trabalhos
expostos e em especial a Antônio Luiz Droghetti Júnior, João
Carlos Leite Bastos, Jayme Sverner, Horácio Leirner e Orestes
Forlenza Neto pela permissão de reproduzir imagens de obras de
sua propriedade em foto-litografias editadas pelo nosso Museu;
a São Paulo - Companhia Nacional de Seguros S.A. e
a Mersy - Projetos Técnicos Ltda., pelo apoio recebido.

Diretoria: Luiz Antonio Seráfico de Assis Carvalho (presidente),
Max Feffer (1º vice presidente), Torquato Saboia Pessoa (2º vice
presidente), Emidio Dias Carvalho (1º tesoureiro), João Carlos
Leite Bastos (2º tesoureiro), Antonio Carlos da Silveira Baptista
(1º secretário), Ladi Biezus (2º secretário), Aparicio Bastilo da
Silva, Ary Castro Delgado, Cesar Luis Pires de Mello, João
Casimiro Costa Neto, José Zaragoza, Miguel A. Ignatios, Paulo
Antonacio, Paulo Vasconcellos, Sonia Guarita. *Comissão de Arte:*
Cesar Luis Pires de Mello, Edo Rocha, Emidio Dias Carvalho, José
Zaragoza, Ladi Biezus, Luiz Antonio Seráfico de Assis Carvalho,
Paulo Antonacio, Torquato Saboia Pessoa, Sonia Guarita.

Secretária: Diná Lopes Coelho.

Conselho Consultivo: Aleksandre Bronislaw Landau, Alexandre
Eulalio Pimenta da Cunha, Aloysio Andrade Faria, Antonio Alves
de Lima Junior, Antonio de Pádua Rocha Diniz, Arthur Octavio de
Camargo Pacheco, Cacilda Teixeira da Costa, Carlos Lemos,
Casimiro Xavier de Mendonça, Danilo di Prete, Edo Rocha, Elena
Kalli Mahfuz, Flávio Pinho de Almeida, Gilda de Mello e Souza,
Israel Dias Novaes, Jacob Klintowitz, Jairo Eduardo Loureiro, Jean
Martin Sigrist, Jorge Rezende Dantas, José Duarte de Aguiar, Luiz
Diederichsen Villares, Maria Lucia Alexandrine Segall, Miguel
Brada Jr., Norberto Nicola, Odetto Guersoni, Olívio Tavares de
Araújo, Paulo Mendonça Bastos.

Deste livro - publicado em Setembro 1981, por ocasião da Mostra
Retrospectiva de Milton Dacosta, no Museu de Arte Moderna de
São Paulo - foram feitas 2000 cópias, das quais 500 em
encadernação especial. Seu planejamento gráfico é de Willys de
Castro com a colaboração de Hércules Barsotti, executado por
João Roberto Bitar. Fotos de Horst Merkel, gravadas por
Lasercrom Reproduções Gráficas S.C. Ltda. Impressão a cargo de
Raizes Artes Gráficas e encadernação por Carlos Roberto Capato,
todos de São Paulo.

O retrato do pintor é de Norma Pereira Rego, Rio de Janeiro, 1971.